

JAMES A. LEVINE

O DIÁRIO
AZUL

Tradução de Cláudia Ramos

O Diário Azul

Agora estou a descansar. A Mamaki Briila está muito satisfeita comigo e tem razões para isso. Trabalhei muito a manhã toda e agora, ao dizer-lhe que estou cansada, ela sorriu-me. – Descansa, pequena Batuk – disse-me. – O dia de hoje será recheado de riquezas.

Verdade seja dita, não estou nada cansada.

Chamo-me Batuk. Sou uma rapariga de quinze anos a viver num ninho da Common Street, em Bombaim. Já cá estou há seis anos e fui abençoada com beleza e um lápis. A minha beleza provém do meu interior. Quanto ao lápis, veio da orelha da Mamaki Briila, que é a minha patroa.

Vi o lápis cair-lhe da orelha anteontem à noite. Tinha acabado de fazer *pão doce*¹ e ela irrompeu pelo meu ninho com um enorme sorriso estampado no rosto, baixou-se, beliscou-me suavemente a bochecha e deu-me um beijo no cocuruto. Ao inclinar-se sobre mim, fiquei de imediato afogada nos seus peitos gigantescos e vi-lhe a profunda fenda entre eles. Ela cheirava como nós, mas pior ainda.

Teve de levar as mãos às costas para se endireitar, muito lentamente, até à posição inicial, e as enormes mamas balançaram como se fossem bonecos pendurados no pescoço, dançando. Tirou o lápis de detrás da orelha e retirou um bloco de notas – amarelo e do tamanho da palma de uma mão – algures do interior do seu sari (ou, quem sabe, da própria pele.) Ao abri-lo, olhou-me de novo, de sorriso radioso no rosto gorducho e vermelho, um sorriso que lhe invadiu o rosto como a água se espalha por uma pedra seca. Num gesto floreado da mão, fez uma marca a lápis no bloco de notas. Por fim, disse docemente:

– És a minha menina preferida, Batuk. Esta noite estava à espera que me desapontasses, mas numa hora apenas conseguiste que te adorasse. – Podia jurar que se preparava para me lembrar da sua constante e incessante bondade para comigo, mas foi interrompida por um berro do Puneet.

¹ No original, “sweet cake”, que o autor optou para se referir ao sexo (em geral), prática a que estas crianças – rapazes e raparigas – eram obrigadas a dedicar-se. Contudo, o termo “sweet cake” refere-se também a um tipo de bolo ou biscoito tipicamente indiano. Na tradução, optou-se de igual forma por aplicar o termo “pão doce” relativamente quer às práticas sexuais quer aos ditos biscoitos. (N. da T.)

O Puneet é o meu melhor amigo e dorme no ninho logo abaixo do meu. Raramente chora, ao contrário da Princesa Meera, que chora sempre que é a vez dela de fazer *pão doce*. O Puneet só chora quando tem mesmo de ser e o guincho que ele emitiu naquele momento poderia ter rachado uma pedra ao meio. Foi um daqueles gritos de furar os tímpanos, não de dor – porque o Puneet é imune à dor – mas de puro terror. E a Mamaki também percebeu isso desde logo. O Puneet é o mais valioso de todos nós porque é rapaz.

O grito do Puneet quebrou o silêncio da noite, e o sorriso da Mamaki caiu-lhe literalmente do rosto, como uma moeda que cai ao chão. Virou o seu desmesurado traseiro para a minha cara e saltou do meu ninho num autêntico voo picado. Impressionou-me como um corpo tão pesado quanto o dela pudesse mover-se daquela maneira e a tal velocidade. Ao voar do meu ninho, a bainha do seu sari viu-se apanhada pela brisa e isso fez-me recordar os lençóis que usávamos para proteger as colheitas do impiedoso sol do Verão. Foi aí que o lápis caiu da orelha da Mamaki, devido, quem sabe, à sua própria lubrificação corporal.

O lápis caiu no soalho do meu ninho e rebolou um pouquinho antes de parar. Eu saltei da minha cama e atirei-me literalmente sobre ele. Aquele lápis era meu por providência divina.

Deixei-me ficar por momentos em cima do pequeno objecto, em silêncio e sem ousar mover-me. A minha mente regressou a Dreepah-Jil, a minha aldeia natal onde vivi os primeiros anos de vida. Costumava estender-me ao sol sobre uma pedra, horas a fio, mesmo à torreira do sol do meio-dia, imaginando-me a derreter em cima da pedra. Por vezes, de entre as pedras ou do meio da relva surgia um lagarto. Com movimentos rápidos e tensos, olhava em volta e, por não ver nada a mover-se, sentia-se em segurança. Então relaxava e ali ficava torrando ao sol, a centímetros da minha pedra ou mesmo *na* minha pedra. Eu mal respirava, com ele tão perto de mim. Controlava a respiração e fundia-me ainda mais na pedra até me sentir parte integrante dela. Usava a minha mente para controlar a mente do lagarto. Falava-lhe num sussurro através da suave brisa que nos rodeava: *Sossega, pequeno lagarto, em breve serás meu...*

É perfeitamente possível olharmos para cima e vermos uma gota de chuva predestinada a atingir-nos. Vemo-la, sabemos que vem lá, caindo rapidamente, temos noção de que nos vai atingir mas que não lhe poderemos

escapar. E o mesmo se aplicava ao lagarto. Eu observava-o intensamente, por vezes os nossos olhares cruzavam-se por segundos e então eu saltava sobre ele, às vezes com tanta força que acabava por esmagá-lo; quando isso acontecia, era porque era esse o seu destino. Agora, deitada no soa-lho do meu ninho, tinha capturado um lápis, porque, tal como para o lagarto, também esse era o seu destino.

Levantei-me do chão, trepei para o meu trono e deitei-me com o lápis debaixo da barriga, adormecendo de imediato. Quando acordei na manhã seguinte, o lápis continuava onde eu o deixara, mas agora sentia-o aquecido pelo calor dos meus sonhos. Fui acordada pela primeira luz da manhã, de olhos meio abertos, meio fechados, e olhei em redor do meu ninho. Sabia que aquele pequeno coto de lápis jamais chegaria para eu descrever a minha vida, mas era suficiente para começar.

O meu momento de descanso e falso cansaço estão prestes a acabar. Daqui a nada terei de deixar a escrita deste caderno, escondê-lo no ras-gão que fiz dentro do meu colchão. Hoje, quando estiver a fazer *pão doce*, vou lembrar-me que ele está lá.

Oxalá tivessem visto a Mamaki nessa noite, correndo que nem uma desalmada até ao ninho do Puneet! E os gritos dela quase abafavam os do próprio Puneet. Os dele expressavam terror, enquanto os dela só serviam para o aterrorizar ainda mais. Dois «humildes servos» tinham estado ambos a «prestar vassalagem» ao Príncipe Puneet quando se gerou todo aquele alvoroço – uma prática desde sempre aceitável para a Mamaki, desde que as oferendas ao príncipe fossem apropriadas. Neste caso, as «prendas» foram de somenos importância, já que os «devotos» eram nada mais nada menos do que dois agentes da polícia de alta-patente. E mesmo tendo eles ficado inicialmente satisfeitos com a sua sessão de *pão doce* (ouvi a Mamaki dar a bênção aos dois visitantes à sua chegada), as coisas descontrolaram-se. O Puneet acabou selvaticamente agredido com um cassetete.

A Mamaki pôs os polícias na rua, enxotando-os para o meio da Common Street com a ajuda de uma gigantesca pá. *Zás*, e lá voaram dois polícias! Fiquei a observá-los do meu ninho, vendo-os levantar-se, sacudir a poeira das fardas, rirem-se com cumplicidade fraternal e desaparecerem no escuro da noite. Um deles ainda levava o cassetete preso ao pulso. O Puneet continuava estendido no chão, vítima das cruéis investidas

– como se a terra tivesse necessidade de se alimentar dele, tal como os polícias haviam sentido.

Por favor, perdoem-me, estou a ser demasiado dramática. Mas não é só por adorar o Puneet; a verdade é que eu sou mesmo assim, dramática por natureza. A Mãe sempre me repreendeu por isso, quem sabe se por causa de os meus acessos de dramatismo encantarem tanto o meu Pai. Quando a família se reunia, eu organizava peças e pequenos espectáculos de diversão. Ou me dava para imitar o Navrang, o tolinho da aldeia, ou o Tio Vishal (mais conhecido por «Tio V»), que era tão gordo que adormecia sempre em cima do prato da sopa. A minha Mãe abanava a cabeça em sinal de desagrado, enquanto o meu Pai se ria literalmente até às lágrimas. Sempre tive um certo talento para este tipo de coisas.

Para me recompensar dessas minhas talentosas sessões, o meu Pai pegava-me ao colo e, se eu lhe suplicasse, contava-me a história do Leopardo dos Olhos de Prata. Cada nova versão era mais bonita do que a anterior e podia durar horas e horas, dependendo do cansaço do meu Pai – ou do meu sono ou falta dele.

Eu adorava aquela história. Em certas noites, fingia que dormia enquanto a minha Mãe percorria o nosso quarto apinhado com os meus irmãos, irmãs e primos. Se acaso ainda estivesse acordada quando o meu Pai regressava do campo e dos braços da mulher com aroma a lavanda, corria para ele, aninhava-me no seu colo e suplicava-lhe que me contasse a história. «Esta noite não, Batuk,» dizia-me ele quase sempre enquanto eu me aconchegava ainda mais ao seu peito, onde lhe sentia a vibração à medida que falava. Vinte minutos mais tarde, e depois de escovar os dentes, ele acabava invariavelmente por ceder e começava a contar-me a história, para meu enorme gáudio. É que, no fundo, *eu* sempre fui o leopardo dos olhos de prata do meu Pai.

O Puneet tem estado doente, mas a Mamaki diz que ele está a recuperar. Nos intervalos das minhas sessões de *pão doce*, chamo-o e ele responde-me, dois ninhos abaixo do meu. De início, a Hipopótama (é assim que nos referimos secretamente à Mamaki) proibiu toda e qualquer conversa durante as horas de trabalho, mas depressa compreendeu que isso elevava o espírito do Puneet e passou a autorizar a nossa tagarelíce.

O Puneet ainda não está preparado para muitas horas de *pão doce* como nós. Se ele estiver tão mal que jamais possa trabalhar como nós todas ou, pior, se morrer, quem restará para me proteger e apoiar? Sei que estou a ser um pouco egoísta, mas, lá está, são os caprichos de uma alma dramática.

Consegui uma breve pausa. O Senhor Orelhas de Abano limitou-se a uma dose mínima de *pão doce* comigo. Nem me posso dar ao luxo de me sentir cansada.

Escrevo a lápis. E como é que o afio, perguntar-me-á o leitor... E eu sorrio-lhe. Não aquele meu sorriso «vem e adora-me», mas um sorriso malicioso. E respondo: afio o lápis com a força da minha perspicácia.

Duas ruas abaixo da minha fica a Street of Thieves². Ali pode comprar-se de tudo, desde um avião a uma capa que nos torna invisíveis – pelo menos é isso que nos garantem. A um dos rapazes que carrega e transporta os bens de e para a Street of Thieves eu trato por Bandu. Passa no mínimo duas vezes por dia em frente ao meu ninho. Sei sempre quando ele está a chegar porque as rodas metálicas da pesada carroça que empurra fazem uma chiadeira incrível que se consegue ouvir à distância. Logo de manhãzinha, quando ele passa para lá, a carroça vai a transbordar de tudo e mais alguma coisa, mas, quando regressa, à noite, já vem vazia. Há ocasiões em que faz mais umas viagens extra, provavelmente para alguma «entrega especial».

O Bandu tem mais ou menos a minha idade e é muito atraente. E neste último ano tornou-se mais alto, bem mais masculino. Tem uns olhos enormes, ovais, que me fixam sempre que passa por mim – de todas as vezes sem exceção – e que se desviam rapidamente quando encontram os meus. Creio que ele fantasia que dorme comigo de quando em vez.

À medida que a ponta do meu lápis vai ficando mais arredondada, eu, menina maliciosa que sou, sorrio-lhe cada vez mais avidamente. Por vezes, inclino ligeiramente a cabeça e entreabro os lábios. Ao ver-me atraí-lo para a minha teia – tal como ao lagarto –, o seu olhar persiste por um segundo, noutras alturas até mais. Também acontece ver-lhe o

² Literalmente: «Rua dos Ladrões». (N. da T.)

olhar fisgar-se, como a língua do lagarto, nas minhas coxas ou nas maminhas, praticamente inexistentes, de tão pequenas. Nessas alturas, permaneço sentada no meu ninho, tal como me sentava na pedra, há muitos anos atrás, esperando que o rapaz das cargas e descargas surja sob a minha sombra. À medida que se aproxima do meu ninho, vai abrandando até que, há uns dias, dirigiu-me um grunhido daquela forma tão típica dos homens tímidos.

Depois de três dias de grunhidos – e de falsos olhares embaraçados da minha parte –, finalmente consegui atraí-lo. O cadeado da minha porta só é aberto depois do pequeno-almoço da Hipo, mas eu olhei-o através das grades e disse-lhe: «Chamo-me Batuk e preciso desesperadamente da tua ajuda.» Fiz uma pausa e sorri: «Podias arranjar-me um afia-lápis...».

Fiquei um bocado chateada por ele ter levado dois dias a trazer-me o afia. Mas ao vê-lo chegar finalmente, já depois da terceira chávena de chá matinal da Hippo, com o afia escondido na mão calejada e suja, sorri-lhe como se estivesse a oferecer-me um rubi. E depois beijei-o. Não havia grades entre nós. Primeiro tencionava beijá-lo na face, por achar que era o que ele merecia, mas, no último segundo, beijei-o em plena boca. A minha língua procurou a dele e senti-a a encolher-se de medo, como um cão medroso prestes a ser sovado. Aos poucos senti-o a empurrar a língua de encontro à minha e aí puxei-o para mim com ambos os braços. Este meu *singelo agradecimento* levou no máximo dois segundos, mas eu soube que o meu sabor iria permanecer na sua boca durante todo o dia. O seu desejo por mim, por sua vez, iria durar bem mais do que isso.

Não sei dizer porque me comportei daquele modo tão vergonhoso, mas o que sei é que consegui um afia-lápis e nunca mais voltei a falar – muito menos conhecer – com o Bandu, o rapaz das cargas e descargas, na minha vida.

O médico esteve cá ontem novamente para ver o Puneet e saiu dez minutos passados. Isto provavelmente deve-se ao facto de o fedor da Mamaki se sentir à distância, mas também por ela só pagar ao médico a quarta parte dos seus honorários. Contudo, este médico vem cá com frequência, optando sempre pela Princesa Meera quando se trata de cobrar os seus serviços.

As notícias do médico foram boas. Quatro dias passados sobre a malograda visita dos polícias, o Puneet está finalmente fora de perigo. Eu sabia que estava a exagerar! Num momento de pausa, espreitei pela entrada do meu ninho e chamei o Puneet – como tinha vindo a fazer constantemente desde que me apercebi que ele deixara de trabalhar. Ele respondeu-me, dizendo que já sentia as forças regressarem-lhe. Optou por não dizer «sinto-me muito melhor», com medo que a Hipopótama o ouvisse e também por querer estender o mais possível os seus dias de recuperação.

Muito em breve o Puneet passará de jovem a homenzinho e isso vê-se-lhe bem no corpo. Os ombros estão a ficar cada vez mais definidos e os músculos mais notórios. As coxas têm cada vez mais volume e já ostenta uma escassa penugem sobre o belo peito reluzente. A voz também está a mudar. E se bem que já nos tenhamos rido juntos de tudo isto, ambos sabemos o que realmente significa. Muito em breve terá de ser tomada uma decisão em relação ao Puneet – na qual ele não será tido nem achado.

Se optarem por lhe retirar o *bhunna*³, terá de ser agora (cheguei a pensar que, uma vez que já cá estava, o médico aproveitasse para o fazer.) Se, por outro lado, lhe for permitido entrar na idade adulta, irão «treina-lhe» o *bhunna* e dar-lhe todo um novo estilo. É possível que como homem se torne mais bonito, mas também existe a séria probabilidade de ficar feio e, nesse caso, terá de ser dispensado. Se fosse eu a decidir, optava por lho retirarem desde já. Aposto que continuaria tão bonito como é e desse modo permaneceria sempre ao meu lado. Ninguém me faz rir como o meu Puneet.

Aconteça o que acontecer, os olhos do Puneet jamais mudarão. Já o olhei bem nos olhos e é lá que lhe vejo o gozo e o desprezo pelo ninho, pela Hipopótama e pela Common Street. Observando-o mais profundamente, descubro-lhe ainda um profundo desdém por todos aqueles que o adoram, assim como um laivo de malvadez. Penetrando ainda mais no seu interior, encontro um poço sem fundo de água fresca que reconheço como sendo amor.

O meu ninho é um útero dourado.

³ Ao longo de todo o livro, o termo *bhunna* é utilizado como um eufemismo de pênis. De início, é necessário ao leitor recorrer um pouco à imaginação, mas, à medida que o termo vai surgindo com mais frequência, torna-se claro, em termos de contexto, o que o autor pretende dizer. (N. da T.)

Imaginem-me iluminada por uma luz branca. Essa luz, se a puderem meter num frasco e examiná-la, é composta de um remoinho de todas as cores e também de riso e de alegria. Se segurarem no frasco, sentirão a vossa mão quente e poderão observar a minha graça. Se abrirem o frasco e forem suficientemente rápidos para verter o conteúdo na boca, nunca mais terão fome, mas, pelo contrário, incendiar-se-ão e transformar-se-ão também em luz. O meu rosto emana rios de fulgor que perseguem e fazem fugir todas as manchas de escuridão e é assim que eu ilumino o meu ninho. O meu ninho brilha com a minha própria luz, porque não há outra.

O meu ninho, como eu lhe chamo, é a minha sala do trono. Apesar das muitas ravinas e entalhes que decoram o seu interior, a forma exterior é simples: um rectângulo. Pedra, um portão azul; é tudo. Quando contemplo o que me rodeia fisicamente, não consigo desculpar nem compreender como é que o meu Pai me deixou aqui ficar. Apesar de todas as suas histórias, do seu riso desvairado (por vezes, atirava a cabeça para trás com tanta força que eu chegava a pensar que ela ia cair-lhe), e toda a sua certeza de que o meu destino seria radioso, como pôde ele deixar aqui o seu leopardo de olhos de prata, deposto neste altar de sacrifício?

Mas isso por agora não tem importância. Olhem com atenção para as paredes do meu «quarto do trono» e hão-de ver que cada centímetro de tijolo está revestido de folha de ouro. Onde em tempos havia tijolo cinzento, alicerce da Common Street, aqui tudo o que pode ver-se é ouro, cintilando e tremeluzindo na minha luz brilhante. E mais: se olharem com cuidado para o ouro das paredes, podem ver uma obra de talha intrincadíssima. Os artistas descreveram a minha família em todos os seus detalhes. Olhem! À minha direita estão gravados os retratos dos meus primos e irmãs e irmãos, robustos (à excepção do Navaj, que é um ano mais velho do que eu e nasceu deficiente). Olhem! Ali à esquerda, perto do tecto, podem ver a minha família sentada, com as vestes das Festas de Verão. Olhem para o tecto – ali! Sou eu a nadar no rio, uma menina nua de seis anos, sem falsos pudores, e olhem! Ali está o Avô, de quem mal me recordo (meu Deus, tão magro que era!). À minha volta, martelado e gravado no ouro das minhas paredes, está o meu retrato, trabalhado com uma perícia tão complicada como as complicações da minha vida – excepto o facto de não haver nenhuma menção de escravidão no baixo-relevo.